

Lições da guerra

A guerra desfechada pelos Estados Unidos e Europa Ocidental contra a Iugoslávia desperta o temor de que o fim da Guerra Fria não leve a um mundo de paz, mas a novos tempos de ousadia e arbitrariedades dos países mais militarizados contra os mais fracos e os mais apetitosos

A Guerra do Kosovo, ou mais apropriadamente a Guerra da Iugoslávia, chegava ao fim, ao fecharmos a edição deste boletim.

Uma Iugoslávia arrasada por meses de bombardeios ininterruptos aceitou as condições gerais impostas pela aliança militar da liderança capitalista.

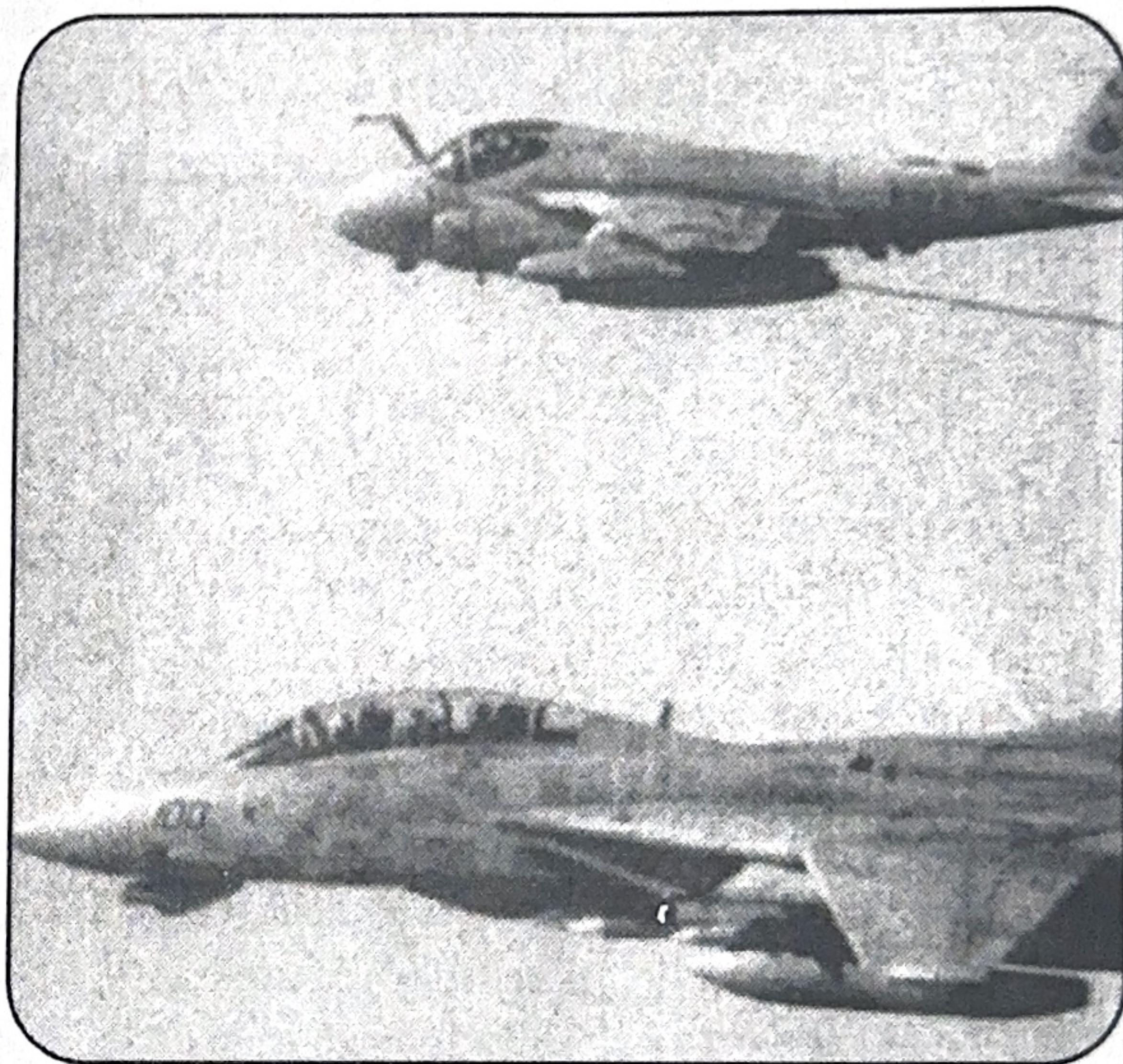
E assim como começou, esta estranha guerra parece que vai terminar - sem um pio da Organização das Nações Unidas, que vai assinando uma espécie de atestado antecipado de óbito, que lembra, de forma preocupante, o trágico desaparecimento da Liga das Nações.

A ONU vê esmaecer sua simbologia de espaço de debate, negociações e pacificação, para limitar-se - é o que começa a desenhar-se - a ser apenas mais uma peça manipulada pelos interesses

norte-americanos. O jogo pode começar a desinteressar outros participantes, como ocorreu com a sua antecessora, levando o mundo a uma instabilidade perigosa.

A Iugoslávia foi severamente punida por pretender manter seu território nacional histórico, recusando mais uma partilha. A Europa Ocidental e os Estados Unidos, através da OTAN, se arrogaram o direito de mover uma guerra não declarada e afrontar princípios basilares do Direito Internacional, sob o argumento de que o governo iugoslavo oprimia uma minoria étnica.

A história, sobretudo a deste século, mostra que, quando argumentos étnicos passam a ter prioridade sobre argumentos políticos longamente maturados e codificados em leis e acordos internacionalmente aceitos, a



Como na Espanha em 1936, a Iugoslávia de 1999 serviu de teste para os novos armamentos

manipulação emocional para objetivos desconhecidos ganha o campo ideal e a história recua para tempos inseguros, desequilibrados.

Hoje, os EUA fazem questão de demonstrar sua hegemonia - ontem sobre o Iraque, hoje sobre a Iugoslávia. Amanhã, contra quem e por quê? Tudo pode ser pretexto para a babá armada do mundo - ela é quem vigia, diz o que pode ou não pode e gosta de aplicar cascudos. Mas, seu interesse não é moral, mas de domínio político e econômico.

A guerra da Iugoslávia espanta pela futilidade do argumento e pela violência da ação. A questão kosovar não exigia uma guerra e nunca os EUA ou Europa se importaram com direitos humanos. Basta lembrar o que foi a América Latina das ditaduras militares pró-americanas, com instrutores de tortura da CIA, e o que é hoje a América Latina neoliberal e sua devastação social.

A guerra iugoslava alerta que existe um lobo solto no mundo: o mundo ocidental rico quer pastar à vontade.

EUA e OTAN nos Bálcãs

Um ensaio estratégico para dominar o mundo

A guerra contra a Iugoslávia, sua destruição física, a manipulação da mídia, a afirmação do pensamento único norte-americano - tudo isto é, apenas, o tipo de dependência imperialista e planetária

Achille Lollo

Durante 75 dias a OTAN realizou 64 operações de bombardeio contra o território da Iugoslávia utilizando, em média em cada operação 200 aviões (entre bombardeiros estratégicos e caça-bombardeiros de última geração). Isso significou derramar sobre Belgrado, Novi Said, Pristina e outras cidades iugoslavas 11.520 foguetes e mais de 8.000 bombas mortíferas.

Tamanha violência faz lembrar os bombardeios dos B-52 e dos Phantom norte-americanos contra o Laos e o Camboja durante os últimos dois anos da guerra do Vietnã.

Hoje, a Iugoslávia está estruturalmente destruída. Mais de 1.500 mortos entre os civis e, provavelmente,

10.000 entre as fileiras do exército iugoslavo.

Mas a moral e a consciência da resistência continua alta, desapontando o líder do novo império norte-americano, Bill Clinton, e seu fiel escudeiro britânico Tony Blair, outrora conhecido por trabalhista de boa reputação.

Por isso, ocorreu o massacre agressivo, porque não, na verdade, não é a questão dos refugiados albano-kosovares que está em discussão.

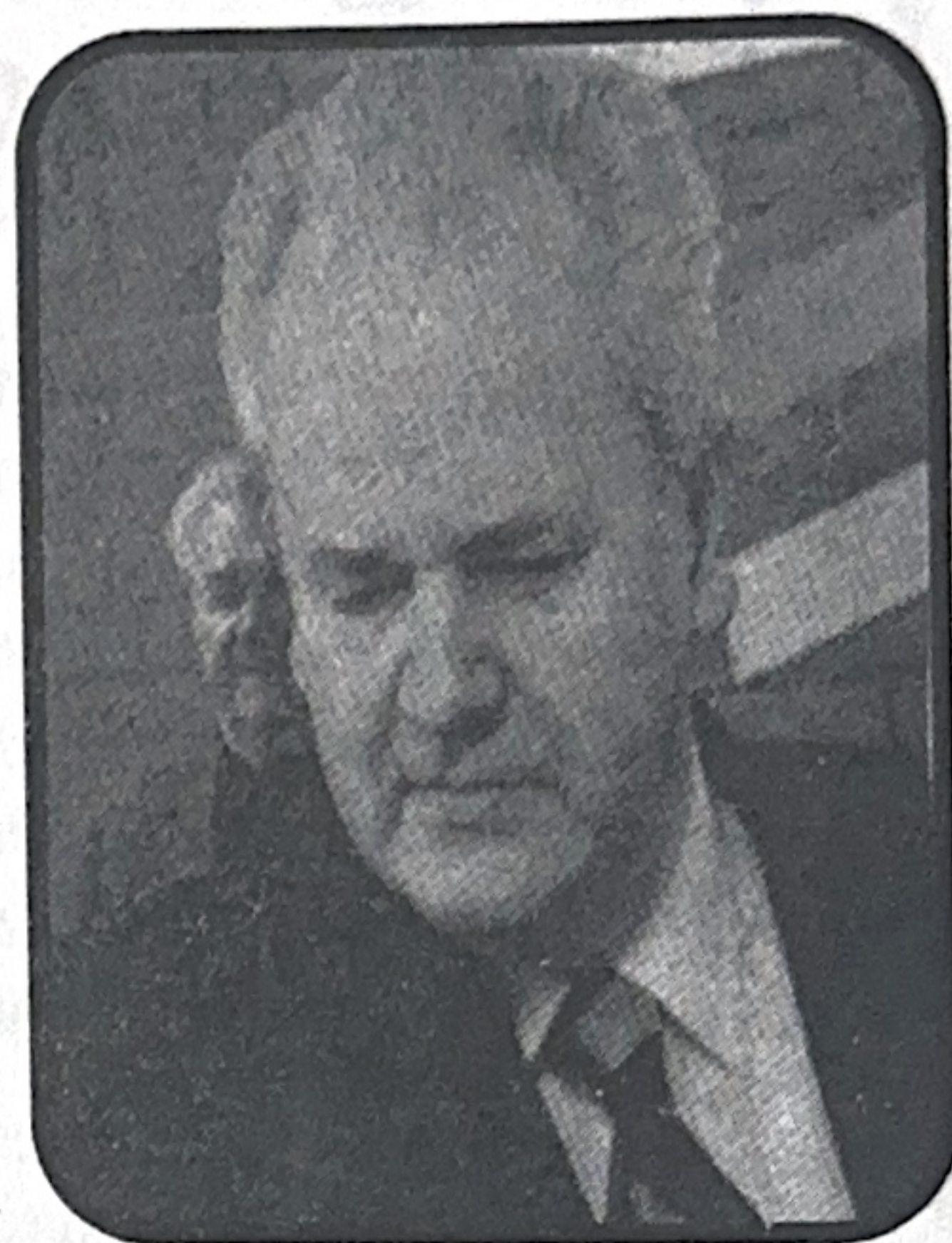
O nó da questão é a afirmação de um poder planetário que os Estados Unidos reivindicam desde 1991.

Naquele momento, ao promover a Guerra do Golfo contra o Iraque, os norte-americanos conseguiram colocar sob seu controle a principal área de produção petrolífera mundial.

Um "vídeogame de guerra" que conseguiu esvaziar o princípio de soberania nacional, aumentando, também, a dependência política dos governos com a implementação do projeto neoliberal.

Enquanto isso, com a globalização, o EUA podiam, facilmente, controlar (e descontrolar) a economia internacional e impor ao mundo a moeda "virtual" e sem lastro em ouro, isto é: o dólar.

Mas para ser, efetivamente, a única superpotência do século XXI e implementar o que eles chamam de "Conceito estratégico para os próximos 50 anos", os EUA devem quebrar e enterrar todo o tipo de resistência, de afirmação dos conceitos de



O presidente iugoslavo Slobodan Milosevic teve a figura satanizada para se justificar a agressão euronorte-americana

independência e de autonomia de decisão nacional. A guerra contra a iugoslávia, sua destruição física, a manipulação da mídia, a afirmação, do pensamento único norte-americano é, apenas, o tipo de dependência imperialista e planetária.

Achille Lollo é jornalista e redator-chefe da revista *Conjuntura Internacional*



Associação dos Engenheiros da Petrobrás

Av. Nilo Peçanha, 50 - grupo 2409 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - Cep: 20044-900

Tel: (021) 533-1110 - Fax: (021) 533-2134 - e-mail: aepet2@ax.apc.org.br

Editado pela Assessoria de Comunicação Social